A VOLTA

Para minha família, como todo meu amor.

Agradecimentos:

Primeiramente à Deus.
Aos meus pais, que sempre incentivaram a leitura.
Ao meu amigo escritor Luiz Carlos Bordin, pelo apoio.
Às minhas irmãs que acreditaram.
Ao meu esposo e meus filhos, que são minha razão de viver.

Prólogo

Após um longo tempo olhando a estrada, finalmente desisti. Jessi falou que não voltaria, que quando saísse era para não voltar. Mesmo sendo forte eu não estava preparada para suportar aquilo sozinha.

- Você foi fraca Jessi, juntas mostraríamos a verdade a todos.

Mas no fundo eu sabia que isso não era verdade. Montes Claros podia ser muito maldosa quando queria. Se soubessem o que tínhamos feito jamais seríamos perdoadas. Seria como ter uma doença infecciosa. Nenhum morador voltaria a comprar no mercado da nossa família, meus irmãos não seriam convocados para os jogos, não teriam amigos.

Eu sei que ela ir embora, foi o melhor. Abriu mão de tudo por nós. Por mim eu abandonaria tudo e partiria, sem nada, recomeçaria em outro lugar.

Mas como pedir isso ao meu pai sem contar a verdade? Só me restava os pesadelos e a saudade.

1

Era 16 de julho de 1994, um sábado, havia movimentação na cidade devido ao grande evento mundial: copa do mundo. Não que algum jogo acontecesse ali ou mesmo próximo da nossa pacata cidade Grandes Morros. Mas a nossa pequena cidade como todo brasileiro, amava futebol. Nossa cidade estava enfeitada de verde e amarelo, o Brasil estava na final, poderíamos ganhar nosso 4º título.

- Amanhã é a final pai, será que vamos ganhar?

- Ora menina, é claro que vamos, cada pergunta.

- Estou torcendo muito para isso pai. A Jess e eu iremos na praça juntar com a galera para gritar muito.

A praça municipal era o ponto principal para encontro da cidade. Fiz planos para aquele domingo, afinal, estariam lá toda a cidade e claro, Rodrigo – filho do prefeito. Eu estava encantada por ele, talvez apaixonada. “A Jess me mata se ela souber disso”.

Jessi é minha irmã mais velha, ela tem dezoito anos e eu completei dezesseis anos no mês passado.

Sempre que podia, eu ficava no mercado para ajudar meu pai, eu adorava ver o movimento, por mais que não conversasse muito, gostava de ver as pessoas andando nas ruas ou entrando no mercado e contando suas histórias.

- Pai, já vou indo - meu pai sempre fechava o mercado as oito, mas eu o ajudava até as seis da tarde.

- Vai filha, já chego lá.

Ao chegar em casa, Jessi estava furiosa – ela odeia que eu fique muito tempo no mercado, segundo ela nossa mãe morreu de

tanta preocupação com o mercado e porque ficava lá o dia inteiro e não descansava.
Nossa mãe morreu muito jovem, ia fazer 32 anos quando faleceu. O mercado era a vida dela e do papai, ela estava trabalhando como fazia todos os dias quando sentiu dores muito forte no peito, foi o tempo somente de dar um grito e cair no chão. Foi fatal. Eu não estava no mercado neste dia, mas naquela manhã ela havia me acordado com um beijo e disse:
- Filha, acorde, hoje é o último dia de aula, já fiz um café, venha tomar comigo. Sua irmã já saiu e os meninos estão dormindo, venha, vamos conversar um pouco.
Achei estranho, porque minha mãe conversava muito com Jess ou papai, mas eu era uma criança aos olhos dela, já pensei no que havia feito para levar alguma bronca.
Me arrumei e a encontrei junto a mesa.
- Está tudo bem mamãe?
- Sim, claro que está.
- Você quer falar sobre o que?
- Gostaria que ajudasse seu pai no mercado na parte da tarde no mercado.
- Ora mamãe, você sabe que faria isso sem precisar me pedir.
- Sim, sei que ama ficar lá, mas quero que pense nisso como uma, como posso dizer, como se fosse seu emprego....
- Mas mãe, por que está falando isso?
- Ora, só quero que ajude ele, vai que eu me canse de ficar lá algum dia.
- Como se isso fosse possível mãe, a senhora praticamente mora no mercado.
Ela sorriu.
- Você também ama, quero que tome meu lugar um dia.

Eu fiquei tão feliz que não reparei que era uma despedida. Minha mãe conversando comigo como uma adulta, era só isso que eu pensava.
- Agora vai correndo, já está atrasada.
Ela me abraçou.
- Te amo filha.
- Te amo mais mãe.
Naquela tarde, fui ao mercado e meu pai pediu que eu fosse ao banco depositar um dinheiro e quando voltei havia uma aglomeração de pessoas na porta.
- O que está acontecendo?
Alguns me abraçaram e começaram a dizer que sentiam muito e então não ouvi mais nada, corri para dentro e vi meu pai, ao lado dela e o médico.
Faz três anos que nossa mãe morreu, Jessi estava com quinze anos e desde então se fechou para os amigos. Focou em cuidar de mim e dos nossos dois irmãos mais novos, Lucas e Gabriel. Ela não ajuda no mercado, mas faz todas as obrigações de casa, como uma mãe. Quando eu completei 15 anos foi a Jess que fez meu bolo, não havia clima para festa, acho que ainda não há, em nenhuma aniversário, mas ela faz o bolo, faz questão de entregar um presente.
Meu pai sofre em silencio, amava minha mãe. As vezes ele fica no corredor do mercado, fingindo estar com minha mãe, enquanto ela colocava o preço nos produtos, eles conversavam sobre o dia a dia. Também já o peguei chorando, não conto para ninguém, saio antes que ele me veja. Ele tenta estar sempre sorrindo perto da gente, mas sabemos que ele chora no quarto quando está sozinho.

2

Nós chegamos na praça por volta das oito da noite, ficamos ali com um grupo de conhecidos, mas logo minha irmã levantou e quando ela faz isso, sei que ela quer caminhar. Era sempre assim, parecia que minha irmã estava sempre fugindo, eu a amava e adorava o fato de ela ficar comigo e não com outras meninas da idade dela, na realidade, eu não entendia muito isso, bastou eu completar quinze anos ela meio que tomou posse de mim, me convidava pra sair mas eu sentia que era pra me vigiar ou proteger, como ela dizia, só não sei do que ou de quem. Nada acontecia na nossa cidade, era uma cidade pequena, pacata, mas acho que a morte de mamãe a afetou, e assim como ela cuidava de mim, eu queria cuidar dela. Mas as vezes, eu não queria caminhar, eu queria ficar com minhas amigas, continuar ali no grupo. Mas eu via que ela ficava tensa. Um dia eu teria que contar isso ao papai, mas também não queria preocupa-lo. Ao mesmo tempo que eu ficava chateada, por sair do grupo de amigos, eu também ficava feliz, eu me sentia adulta perto dela ou ela me fazia parecer uma adulta.

Jess me deixava participar da vida dela, ela me ensinava maquiar, como andar de salto, mas com isso, ela perdeu o seu ciclo de amizades, as vezes eu perguntava se ela não sentia falta de sair com meninas da sua idade, ela sempre respondia que eu era a melhor amiga dela, que ela não precisava de mais ninguém. Com medo de perder esse momento com minha irmã, eu a agradava em tudo o que podia. Não havia necessidade de amigas, ela me bastava e pelo jeito eu bastava para ela.

Ficamos até o horário estipulado pelo papai, que não podia passar das 23:30. Pelo menos neste sábado foi o que contamos a todos que nos perguntaram.

3

Acordei cedo no domingo, quer dizer, eu nem dormi. Todos os domingos íamos à missa e comer pastel na feira. Mesmo depois da morte de mamãe, continuávamos fazendo os mesmos caminhos, talvez com a intenção de sentir a presença dela, pois ela fazia o domingo de feira ser muito alegre.
- Filha, está tudo bem? – Meu pai me perguntou, pois eu não conseguia comer nada e eu era a tagarela da família, mas neste dia, como eu podia falar?
- Sim, pai, a Gi está bem, deve estar naqueles dias de mulher - Era a Jess me defendendo, eu não conseguia reagir.
Minha irmã sussurrou:
- Não estrague as coisas Gi, lembre, nós temos o pai e os meninos para cuidar.
Como se fosse fácil. Mas tentei. Minha cabeça doía. Peguei um pastel e me forcei a comer, mas passei mal, vomitei.
- Desculpem, acho que realmente não estou bem.
- Acho melhor voltarmos para casa papai, que vergonha, ela vomitou no meu pé.
- Ah não, vão vocês, eu quero comer mais um. – Era meu irmão Lucas, sempre faminto.
- Pai, fique com eles, eu levo a Gi e vou aproveitar para tomar um banho, estou fedendo.
Meu pai ficou com os meninos e a Jess e eu voltamos para casa. Ela não falava nada, mas eu percebia que ela estava com raiva, mas eu não conseguia ficar calma como ela.
- Desculpe Jess.
- Gi, está tudo bem. Você deve estar gripada. Vou te dar um remédio, a tarde vai estar melhor.
Como se um dia eu fosse mesmo melhorar, como alguém melhorava após o que tínhamos feito, mas eu não respondi, não

queria que ela visse como eu estava assustada. Tomei o remédio e dormi. Meu pai me acordou falando alguma coisa que ia começar o jogo.
- Que jogo?
- Essa menina não está bem, vamos, levante...o Brasil vai jogar.
O jogo. O jogo que eu tanto esperei, mas que agora não fazia mais sentido. Eu não ia descer para assistir, mas Jess apareceu no quarto, com um olhar tão severo, que eu desci. Eu tinha prometido não deixar ninguém saber, eu tinha que fazer minha parte. Assistimos em casa e novamente meu pai estava me olhando, devia ter perguntado algo, pois todos me olhavam.
- Desculpe, não escutei.
- O pai quer saber onde está aquela menina que estava tagarelando a semana toda no mercado sobre o jogo?
- Ah, eu acho que vou pegar uma gripe forte papai.
- Mas isso nunca foi motivo para deixar você assim, tão quieta.
- Eu estava pensando na mamãe, que na outra copa ela estava aqui - Eu sabia que isso ia fazer com que todos me deixassem em paz, era maldade, mas eu precisava de um espaço.
Acho que não foi uma boa coisa eu dizer algo da mamãe, ficou um clima muito pesado.
- Mas a mamãe também era uma pessoa alegre e ela não ia querer esse clima num jogo de copa, vamos deixar a Gi com seu mal humor.
Pedi desculpas e fui para meu quarto, mas sabia que tinha convencido a todos que era a saudade da minha mãe. Não que não fosse verdade também, mas eu sabia que naquele momento, era algo pior que a saudade, eu era uma assassina.
Mais tarde, minha irmã entrou no quarto, alegre, me puxou e falou:
- Gi, vamos para a praça – Quando pensei em negar, ela me puxou forte, com um olhar pior que de uma mãe e eu cedi.

Fomos para a praça, vestindo verde e amarelo, ver tanta gente alegre me fez esquecer um pouco do ocorrido, estavam todos extasiados, era contagiante. Minha irmã sorria muito neste dia, parecia estar realmente feliz, ou era fingimento? Ela conversava com todos neste dia e não me chamou em nenhum momento para caminhar ou ir para casa. Por algumas horas eu pude deixar tudo de lado e aproveitar a comemoração. Foi então que vi os amigos do Rodrigo e estar feliz me deixou culpada. Minha irmã, que acompanhou meu olhar, viu minha reação, antes que eu começasse a tremer ou algo do tipo, ela falou alto:
- Gi, vamos tomar um sorvete, estou com muito calor, acho que é a euforia.
Eu não me mexi. Não conseguia. Mas acho que ninguém além de minha irmã notava. Então ela pegou meu braço, um leve puxão e eu olhei para ela. Vi um olhar tão venenoso, frio, voltei a realidade. Eu não conseguia ser como ela. Não conseguia agir como se nada tivesse acontecido. Ela me tirou dali e finalmente fomos para casa. Eu só queria dormir.

4

Na segunda feira, não tínhamos aula, meus irmãos e eu estávamos de férias escolares. Não levantei da cama e como a cidade toda parecia estar com preguiça devido a final da copa, minha irmã também se deixou ficar na cama.
Ela veio me chamar para o almoço e claro, mais uma bronca, para eu agir normal para que o pai e as crianças não notassem.
Era mais ou menos umas três da tarde quando meu pai entrou em casa preocupado.
- Ué, minha ajudante pegou férias do mercado também?
- Ah pai – era a Jess respondendo mais uma vez por mim – ela está mal ainda, acho que ela pode ficar em casa hoje com os meninos e eu ajudo o senhor.
- Não, não precisa, está muito calmo, acho que o jogo deixou todos até tarde na rua ontem e devem estar todos dormindo, o mercado está vazio, ninguém quer sair de casa.
Quando meu pai estava saindo, voltou e olhou para nós, aí riu e falou:
- Ou beberam demais, porque dizem que até o prefeito sumiu, não voltou para casa até agora.
Congelei.
- Como assim pai? - Perguntou minha irmã – nada abalava ela, eu tremi só de ouvir meu pai falar a palavra prefeito, como ela conseguia? Ela era boa demais ou uma ótima atriz. Eu precisava ser como ela.
- Dizem que ele saiu sábado com o filho e não voltaram até agora, não sabem nem onde eles viram o jogo, se é que viram né, porque o comentário é que quando eles saem para pescar, esquecem da vida.
Meu pai tomou um gole de água e ficou aquele silencio na cozinha.

- Será que estão comemorando a copa ainda? – perguntei tentando ser como minha irmã – ela sorriu, não sei se para mim ou de mim.
- Pois é, a mulher dele está desesperada e só chora, não tem ideia para onde eles podem ter ido.
Me senti um lixo. Meu pai voltou ao mercado e eu fui deitar. Minha irmã veio atrás de mim e falou:
- Você precisa agir naturalmente, não vou estar o tempo todo com você.
- Eu não tinha pensado na esposa dele, ela não tem mais o filho e o marido, meu Deus, precisamos contar ao sr. Celso.
Celso era o delegado da cidade.
- Gi, senta aqui, vamos conversar.

5

01 de agosto.
Estávamos em casa jantando quando bateram palmas no nosso portão, eu derrubei os talheres, meu pai sentiu meu estado de tensão e meu olhou como interrogando, olhei para minha irmã e ela continuou comendo, acho que nunca conseguirei ser como ela. Eu não conseguia relaxar, já fazia duas semanas, mas em minha mente era como se tivesse sido ontem.
- Me assustei.
- Ultimamente você está sempre assustada, acho que você andou aprontando, está namorando? – Meu pai sempre levava tudo na esportiva. Minha irmã aproveitou o momento para brincar também.
- Deve ser pai, acho que é ele batendo palmas. Vai lá e joga um balde de água gelada nele.
Todos riram, eu não sabia se ria ou se fingia que estava brava. Simplesmente respondi:
- Vou lá ver quem é.
Todos fizeram um barulho de sarro, por ser meu suposto namorado.
Consegui levantar. Era o senhor Celso, o delegado, eu quase falei que eu assumia toda a culpa, mas ele nem esperou eu falar alguma coisa e já foi dizendo:
- Boa noite, seu pai está aí?
Como eu não respondia, ele continuou:
- Precisamos que ele nos acompanhe até o mercado.
Acho que meu pai escutou, porque quando olhei ele estava atrás de mim e respondeu:
- Boa noite Celso, estou indo, vou só pegar as chaves.
- Não é necessário Mário, não quero comprar nada. Pode só me acompanhar?

Eles foram andando em direção ao mercado, na direção dos meus crimes, dos meus pecados. Fiquei ali parada por horas ou foram só alguns minutos? Não consigo lembrar. Minha irmã parou do meu lado e perguntou:
- Quem era, onde está o papai?
- Era o sr. Celso. Veio buscar o papai, foram em direção ao lago.
Minha irmã deve ter entendido o mesmo que eu, porque ela ficou olhando, parada. Mas ela era muito mais forte, logo ela falou:
- Venha, vamos agir normalmente, nós não vimos e não fizemos nada, você entendeu?
- Eu não aguento mais Jess, quero me entregar.
- Gi, já falamos sobre isso. Vamos aguardar o papai retornar.
Ela olhou para lá novamente.
- Venha, vamos terminar o jantar.
Eu não conseguia terminar a comida, então minha irmã sentou do meu lado, olhou para mim e com um olhar frio, mandou que eu comesse tudo e por baixo da mesa, socou meu pé. Meus irmãos nada notaram, afinal, não tinha ideia do que estava acontecendo. Eu tentei, mas minhas mãos tremiam, então levantei e fui ao banheiro.
Quando saí, meu pai já estava na sala assistindo, parecia que não havia acontecido nada, minha irmã lavando a louça e meus irmãos correndo, será que sonhei?
Não passei perto do meu pai, de tanto medo, fui para a cozinha, minha irmã continuou agindo como se tudo estivesse perfeitamente bem, a curiosidade me venceu e perguntei para ela o que tinha acontecido. Ela respondeu alto, para o papai escutar:
- Gi, o pai falou que encontraram o filho e o prefeito no córrego atrás do mercado, imagina, o carro deles caiu lá dentro. O delegado acha que ele estava ensinando o filho a dirigir o carro

porque o Rodrigo estava no volante e senhor prefeito atrás, talvez por isso não tenha conseguido parar o carro.
Ela dizia aquilo como se fosse a coisa mais natural da vida, sem emoção e até sorrindo em alguns momentos, eu estava branca, não conseguia ser como ela. Chorei.
Neste momento meu pai entrou na cozinha e me viu chorando, em algum momento, encontrei um fio de voz e disse:
- Ele estudava comigo pai, era bonito e tão jovem.
Minha irmã não disse nada.

6

Acordei cedo, ou nem dormi, não consigo me lembrar, hoje tinha aula, primeiro dia após as férias do meio do ano, não queria ir à escola, mas precisava, Jess havia me treinado a semana toda para este dia. Minha cabeça doía. Meu pai e Jess estavam na cozinha, por melhor atriz que fosse, vi que ela não havia dormido bem.
- O mercado não vai abrir hoje, estamos de luto. Toda a cidade está - disse meu pai
Não respondi nada, fui até a janela. Será que esse assunto não iria acabar nunca.
- O sr. Celso deu mais alguma informação pai? – Jess perguntando.
- Não muito, ele disse que os corpos já estavam se decompondo, mas que encontraram latinhas de cerveja dentro do carro, então ele acha que deviam estar bêbados e que por isso não conseguiram sair do carro.
Ficamos todos em silencio.
- Mas o Carlos, sabe, aquele cara grandão que a gente dizia que era o capanga dele, vivia com ele pelas ruas...
- Sim, pai...o que tem ele? – Vi que minha irmã deu uma fraquejada na voz.
- Ele está dizendo que eles naquela noite saíram com algumas mulheres, ele não foi junto, o prefeito pediu para ele ir para casa que o filho e ele iam aproveitar a noite.
Quase morri, mas como ele poderia ter visto? Naquela noite não tinha ninguém com a gente dentro do carro. Será que ele estava vigiando? Será que ele estava naquela mata?
- Que horror pai, ele não era um santo, mas esse Carlos não pode sair por aí dizendo que ele traía a esposa.

Meu Deus, ela era demais, ela agora estava com pena da esposa?
- Pois é, a Sra. Helena mandou recado para ele parar de ficar difamando o marido. Mas ele desde que soube, não sai do bar e fica falando asneiras – meu pai riu e continuou - ele disse que vai contar tudo o que sabe, que a justiça precisa ser feita, que ele era um bom patrão, que não merecia morrer desse jeito, parece um bebê chorão que perdeu o pai.
Minha irmã riu
- Papo de bêbado.
- Sim, ele está é bravo porque agora não vai ter mais de quem cuidar, devia ganhar bem.
- Folgado. Mas pai, será que ele tinha mesmo uma amante? – Minha irmã sendo atriz de novo, ela levaria o óscar se fosse uma.
- Não sei, ele não diz coisa com coisa, segundo ele, tem muita menina feliz com a morte dele, que agora o terror da cidade vai acabar, mas ao mesmo tempo ele diz que algumas meninas vão morrer de saudade dele.
Meu pai pegou a chave do carro:
- Vou até o velório.
- Onde vai ser pai? – Minha irmã perguntava como se fosse um fato normal do nosso dia a dia.
- Vai ser no salão comunitário, espaço grande. E como ele era prefeito, virá muita gente. Querem ir agora ou vão depois?
Eu respondi na hora:
- Eu vou depois.
Minha irmã só balançou os ombros e disse que ia depois também. Eu não conseguia me imaginar neste velório, vendo a esposa do prefeito chorar, não era só o marido que ela havia perdido, o filho também tinha morrido. Será que eu não ia gritar e contar tudo?
Meu pai saiu, olhei para minha irmã e perguntei:

- O que faremos? Consegui murmurar, acho que ela ouviu, porque respondeu:
- Temos que agir normalmente Gi, vamos no velório, no enterro.
- Não consigo ir ao enterro, não me sinto bem...eu... papai ficaria chateado com a gente se soubesse o que fizemos e que não fomos a polícia.
- Você sabe que ele se entregaria por nós se soubesse. Os meninos já não têm mãe, não podemos deixar eles sem pai. – Ela sabia como me chantagear.
- Mas não foi ele, por que ele se entregaria?
- Porque ele nos ama, daria a vida por nós, assim como fiz tudo por você naquela noite... Por isso iremos dizer tudo conforme combinamos e não vamos deixar que papai desconfie. Eu não suportaria perder o papai.
- Muito menos eu.
- Então mantenha o foco, só nós duas sabemos daquela noite Gi. Nossas histórias precisam bater. Sábado chegamos em casa no horário normal, não vimos se tinha alguém próximo ao mercado dirigindo ou aprendendo a dirigir. Para nós foi uma noite normal como todas as noites.
Mas não foi, aquela noite eu jamais vou esquecer.

7

Naquele sábado à noite, depois de caminhar pela praça, compramos sorvete e fomos sentar num banco mais afastado, como sempre fazíamos para sair de perto dos conhecidos. Jessi gostava de sentar neste banco, ficava ali olhando para o nada e começava contar alguma história do tempo que ela estudava, ou de quando a mamãe estava viva. Ela nunca mencionava o Denis, mesmo que eu perguntasse.
Mamãe morreu no último ano do colegial dela, lembro dela falando com a mamãe sobre a faculdade, sobre trabalhar em outra cidade, de fazer uns cursos se ela não passasse no vestibular. Mas aí mamãe morreu e a Jessi simplesmente parou no tempo, ficou uns dias sem ir para a escola, não quis ir para a faculdade, disse que os meninos e eu precisaríamos dela. Após uns dias em casa, ela voltou a estudar, conheceu o Denis e pude vê-la sorrindo de novo, mas alguns meses depois ela simplesmente falou que eles haviam terminado.
Depois de um tempo sentada, fomos caminhando para casa, devagar, aproveitei que estávamos passando em frente à escola e perguntei se ela ainda amava o Denis. Eu queria tocar no assunto do Rodrigo, tentar dizer para ela que eu amava estar com ela, ser amiga dela, mas que eu também queria namorar, queria ficar com meus amigos na praça.
- Você não quer namorar de novo?
- Gi, jamais vou deixar você...
- Mas Jess, namorar não significa que irá me deixar. – Olhei confusa para ela.
- Gi, por favor, tenho você e os meninos, já me bastam.
Fiquei sem palavras para contar a ela que eu queria namorar, mas se ela estava fazendo isso por mim, também tinha que fazer

por ela ou não? Será que conseguiria dizer não para o Rodrigo caso ele viesse me pedir para sair? Será que conseguiria ser assim, tão forte? Abriria mão de tudo pela Jess e meus irmãos?
Neste momento um carro parou, era o prefeito da cidade, cidade pequena é assim, todo mundo conhece todo mundo. Ele perguntou se estava tudo bem, afinal era sábado quase meia noite e estávamos paradas em frente à escola. Dissemos que sim e voltamos a caminhar em direção a nossa casa.
- Jess, podemos conversar?
- Aldo, desculpe, senhor Aldo, está muito tarde. Meu pai não gosta que a gente chegue tarde.
Nessa hora, vi o prefeito dando uma risadinha irônica, não entendi, parecia que estava zombando do que a Jess havia dito. Ficou um clima estranho, parecia que se conheciam, minha irmã estava nervosa. O prefeito ficou encarando Jess. Foi então que vi o Rodrigo dentro do carro. Eu sorri e fui até ele.
- Oi.
- Gi, vamos embora – Minha irmã me chamou.
- Já vou Jess, só vou dar oi para o Rodrigo. – Era uma oportunidade de minha irmã ver que eu queria namorar.
Ouvi minha irmã dizer:
- Por favor, não faça nada com minha irmã, eu estou aqui, deixem ela em paz.
Do que ela estava falando?
- Oi Rodrigo, tudo bem?
- Oi Gi. Entra aqui no carro.
Entrei no carro e vi que minha irmã ficou brava. Veio correndo no carro e me puxou.
- Jess, que isso? Só vou conversar.
- Não, não vai, vamos embora agora.
Nesse momento o prefeito puxou ela e falou:

- Jess, calma querida, não iremos fazer nada. O Rodrigo só quer conversar com sua irmã. Vamos dar um espaço para eles, vem, vamos conversar ali.
Eles se afastaram, entrei no carro.
- Desculpe Rodrigo, minha irmã é meio maluca.
- Não tem problema, é bom saber que alguém gosta de você.
Ficamos ali conversando um pouco, minha irmã voltou e entrou no carro. O prefeito entrou também e começou a dirigir, pensei que iam nos levar para casa. Eu estava tão radiante que não percebi que não era o caminho certo.
- Duas moças lindas.
Ouvi o prefeito dizer isso e sorri, eu estava no mundo da lua. O carro parou. Fiquei triste porque já tinha que descer, mas quando olhei, vi que não era minha casa, pelo contrário, estava tudo escuro, era um lugar diferente.
- Onde estamos?
Vi que o Rodrigo deu uma risadinha, muito parecida com a risada irônica do pai.
- Vamos ficar mais à vontade.
Todos descemos do carro, o prefeito e minha irmã foram em um lugar mais reservado, achei que era para dar espaço para o Rodrigo e eu. Eu era muito inocente, jamais havia beijado. O Rodrigo veio e me abraçou, fez um carinho no rosto e me beijou. Eu estava sonhando.
- Você é muito bonita Gi.
Nossa, eu estava vendo estrelas. Mas aí ele começou a me beijar com mais força, me encostou no carro e foi colocando a mão nos meus seios, eu fiquei com vergonha, pois minha irmã podia ver e era nosso primeiro encontro. Não entendia por que ele estava fazendo isso.
- Rodrigo, para.

Ele sorriu e se afastou um pouco. Olhou para o pai. Eu olhei também. O que eu estava vendo? Minha irmã e o prefeito estavam se beijando? Espera, ele não era casado? Por que minha irmã estava beijando aquele velho? Por isso ela não tinha namorado? Desde quando ela saía com homem casado? Eu olhei confusa para Rodrigo, ele me puxou e me beijou. Meu Deus, como esperei isso. Até esqueci minha irmã.
Mas de novo o Rodrigo começou a ficar eufórico, eu pedia para ele parar e ele continuava. Não sei se, por ter perdido minha mãe tão cedo, havia coisas que eu desconhecia, eu não sabia muito sobre sexo ou até que ponto era sexo, mas sabia que tinha que ser bom e eu estava pedindo para parar e ele não parava. Olhei para minha irmã e vi as lagrimas nos olhos dela, eu devia estar assustada porque senti que ela tentava falar algo com o olhar, só então percebi que ela estava sendo forçada também, ela não estava com ele porque queria. Como sou idiota, boba. Eu estava julgando minha irmã, mas ela só foi até esse lugar para que eu aproveitasse um pouco com o Rodrigo e agora ela estava sofrendo. O que eu fiz?
Eu não conseguia fazer o Rodrigo parar, tentei me soltar, agora ele puxava minha roupa, com força. Olhei para Jess como se pedisse socorro ou sei lá, que ela me dissesse o que fazer. Ela também estava me olhando e vi que tentou dizer algo, fiquei olhando para uma instrução, ela sussurrou algo para o prefeito e ele sorriu, ela riu alto e deitou nas folhas secas do chão, ela o beijava com força e riam muito - O que estava acontecendo? Mas vi que que ela tateava a mão na mata como procurando algo. Ela beijava o prefeito e me olhava. Foi então que percebi o que ela ia fazer. Mas eu não conseguia me mexer. Comecei a tremer. O Rodrigo puxou meu rosto e me beijou com mais força.
- Olha para mim. Deixa o casal lá se divertir. Vem, me beija.
Como ele podia deixar o pai dele com outra mulher?

- Mas e sua mãe?
Ele riu e falou:
- Não seja boba. Sua irmã é só uma vagabunda, um passatempo, assim como você.
Meu mundo caiu. Que humilhação. Olhei para minha irmã, ela estava próxima do Rodrigo, com a mão levantada, foi muito rápido, escutei um estalo, ele caiu. Acho que ela estava gritando comigo, ela falava alguma coisa e mexia com as mãos, mas eu não consigo lembrar. As vezes tenho a sensação que havia mais alguém naquela noite, mas não consigo focalizar a imagem. Jess me abraçou, pegou meu rosto e apontou para o corpo do Rodrigo caído no chão, ela me sacudiu, eu despertei, ela estava dando ordens, dizendo o que precisava ser feito, parecia que ela tinha tudo detalhado.
Olhei para o meu Rodrigo, tão bonito, ele não estava bem, estava cheio de sangue.
- Jess, acho que ele não está respirando. Nós...nós...
- Eles mereceram Gi, não foi a primeira vez.
- O que? Primeira vez, como assim?
Ela ficou olhando para a mata, com o olhar longe, uma raiva estampada nos olhos. Eu nunca tinha visto minha irmã assim.
- Me ajude aqui, vamos colocar ele dentro do carro. Preciso que mantenha o foco Gi, temos que ter uma história.
Ela abriu uma bolsa, de onde surgira aquela bolsa? Ela me entregou umas cervejas.
- Pegue, abra e jogue fora toda a cerveja, preciso que coloque as latas vazias dentro do carro.
Enquanto eu esvaziava as latas, percebi que o prefeito já estava no banco de trás do carro, como ela conseguiu colocar ele ali sozinha?
- Me ajude aqui com o rapaz.

Não me lembrei de perguntar como ela havia colocado o prefeito no carro. Toquei no rosto dele.
- Gi, por favor, precisamos ir embora, rápido, faça o que estou pedindo.
Ainda bem que Rodrigo era magro, pegamos o corpo dele e colocamos no banco do lado do motorista. Foi muito difícil mexer com um corpo que não fazia os movimentos voluntariamente. Minha irmã parecia profissional. Espalhou as latas de cervejas e mandou eu entrar.
- Gi, entre e para de ficar olhando o rapaz.
- O rapaz tem nome, é Rodrigo.
- Não me interessa, era um idiota igual o pai.
Ela voltou na mata e limpou onde mostrava que os corpos foram arrastados. Ela jogou mais umas latas de cerveja, algumas garrafas de bebidas que eu não conhecia. De onde ela havia tirado tudo aquilo? O que era aquilo, o que estava fazendo? Ela colocou alguma coisa no chão, parecia roupas intimas. Ela olhou para a mata, acho que estava conferindo se ninguém estava vendo, tinha alguém na mata? Para quem ela tinha feito um leve sinal de cabeça? Eu estava sonhando?
- Pronto, vamos.
Ela entrou no carro e ligou.
- Você sabe dirigir?
- Você não sabe muita coisa sobre mim Gi. Apenas concentre. Entre Gi, rápido.
Eu juro que tentei entrar, mas ver o corpo do prefeito ali, não me deixou confortável. Senti minha irmã me puxar e me fazer entrar.
- Temos que nos livrar disso tudo, dos corpos e do carro. Ninguém pode saber Gi, consegue entender isso?
- Não podemos ir no sr. Celso? – Celso era o delegado.

- Você é muito idiota mesmo – era a primeira vez que ela me tratava assim
- Mas ele é policial, é o delegado.
- Gi, isso que aconteceu hoje não é igual uma novela. O senhor Celso e o prefeito são amigos, são homens. Eles bebem todo final de semana, você acha que ele realmente vai acreditar na gente? Vai nos ajudar?
- Mas não temos culpa...- E comecei a chorar
Minha irmã então começou a gritar comigo:
- Gi, você precisa crescer. - Isso me afetou, eu sempre quis ser adulta para a Jess.
Fiquei quieta e tranquei o choro.
- Está bem, me diga o que fazer.
E assim foi feito.

8

Dirigimos até o mercado do meu pai com a luz apagada. O relógio no carro mostrava que era 02:25. Como o tempo passou e não percebi? Atrás do mercado tem um lago e muitas árvores. É um lago muito sujo e com muitas folhas que caem das árvores. Os jovens se reúnem ali para fazer fogueira e ligar o som quando é inverno. Como é de difícil acesso, raramente passa alguém, dando privacidade para algumas festas particulares. Nesta noite, não tinha ninguém. Estava tão quieto que eu conseguia ouvir meu coração. Jess parou o carro bem perto do lago, pediu ajuda para colocar o Rodrigo no volante. Eu fazia tudo automaticamente, eu não queria pensar. Ela ajustou o banco, colocamos ele, foi mais difícil, ele estava ficando enrijecido. Que horas ele ia acordar? O prefeito continuou no banco de trás. Jess conferiu as cervejas, fechou o cinto do Rodrigo, jogou um batom no banco de trás e falou:
- Temos que fazer todos pensarem que ele estava ensinando o filho a dirigir, mas que antes eles tinham bebido e claro, estavam com algumas companhias.
Ela falava como se já tivesse tudo planejado. Eu quis ajudar, mostrando que eu também pensava:
- Mas o papai quando ensinou a mamãe, ficou no banco do lado, não no banco traseiro.
- Eu sei e seria o certo, mas não dá para mexer, ele está muito pesado agora que ficou gelado. Os dedos dele nem mexe mais.
Ela olhou para ele, ela estava chorando? Ela deu um beijo nele, falou alguma coisa que eu não entendi, acho que estava pedindo perdão.
- Me ajuda Gi, vamos empurrar o carro.
E assim fizemos. Ligamos o carro e empurramos para o lago. Fomos embora somente quando o carro afundou por completo.

- Espero que quando encontrarem, não tenha mais as marcas dos ferimentos das pedras na cabeça.
Não entendi, mas só disse:
- Sim.
- Todos precisam acreditar que o Rodrigo perdeu o controle do carro enquanto aprendia a dirigir. E como o pai estava no banco de trás e tinham bebido, ele não conseguiu ajudar o filho a parar o carro ou depois, saírem dele.
Não conseguia entender como minha irmã orquestrava as ideias, dava a impressão que ela já tinha essa ideia montada na cabeça. Mais uma vez ela limpou as marcas dos nossos pés na terra.
- Temos que ir pela mata, para não deixar rastros aqui, vem Gi, vamos.
Eu jamais pensaria em voltar pela mata, aliás, eu estaria chorando até alguém me encontrar. Entramos na mata, passamos um pedaço dentro do lago e chegamos na rua do mercado. Estava tudo escuro. Meu pai sempre deixava uma luz acesa. Por que estava tudo apagado?
- O pai está esquecido, deixou apagado a luz de fora. Ele sempre deixa uma lâmpada acesa durante a noite.
Jess me olhou, mas não falou nada. Eu até acho que ela ia falar alguma coisa, mas parou. Era 4 da manhã.
- Tomara que o papai esteja dormindo, caso ele esteja acordado, olhe para mim, não podemos contar o que aconteceu hoje, você entendeu? Gi, estou falando sério. Vamos dizer que estávamos na casa de uma amiga sua vendo um filme e que quando vimos já era muito tarde.
Eu só confirmei com a cabeça, mas eu acho, que se eu visse o papai, eu ia chorar e o abraçar. Entramos pisando devagar, eu estava anestesiada, fazia o que ela mandava. Ela falou baixinho: